



Pastore: descompasso.

## O Clube de Paris, evitando um confronto?

O ex-presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, afirmou ontem que o acordo com o Clube de Paris está muito aquém do que o governo brasileiro vinha prometendo. "Nunca vi uma renegociação ser feita com esse aperto de prazo e de carência", declarou.

Pastore acredita que o Clube de Paris evitou demonstrar má vontade, "para não tumultuar a situação do balanço de pagamentos que já está precária". A expectativa criada pelo governo, acrescentou, era de que a renegociação incluiria dinheiro novo e um reescalonamento por prazo mais dilatado:

"Há um descompasso entre o que o governo promete e o que faz" — disse o ex-presidente do BC. "Os governantes estariam melhor na oposição, quando só era preciso falar. Os resultados são sofríveis".

### Era a única alternativa que o País tinha

O economista Paulo Guedes, vice-presidente do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec), acha que o acordo obtido pelo Brasil com os países credores integrantes do Clube de Paris deve ser visto como a única alternativa hoje existente para os graves problemas econômicos do País, especialmente ante a perspectiva de déficits na balança comercial neste primeiro trimestre.

Ao analisar os efeitos do reescalonamento da dívida externa de US\$ 4,1 bilhões, referente aos anos de 1985 e 86, contraída com os países do Clube de Paris, Paulo Guedes advertiu:

"Devemos evitar que o reescalonamento conseguido acabe justificando um afrouxamento das medidas necessárias para recuperar a economia brasileira".

O economista disse que ontem mesmo recebeu diversos telefonemas, de agentes financeiros que operam nos Estados Unidos, lembrando que o acerto no Clube de Paris era a única saída de que dispunham os países credores para receber o pagamento da dívida brasileira.

### Dificuldades

Segundo Guedes, o fato de ter sido incluído no esquema o pagamento de US\$ 500 milhões referente ao primeiro semestre deste ano é a indicação visível do reconhecimento do governo brasileiro de que as perspectivas são de dificuldades para a balança comercial dos primeiros três meses do ano, apontando para um possível déficit.

Ele também afastou a hipótese de que o acordo obtido no Clube de Paris possa ser encarado como vitória das posições brasileiras contra o monitoramento de sua economia pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Para o vice-presidente do Ibmec, a decisão tomada pelos países credores do Clube de Paris é como se fosse uma mensagem para o Brasil se reorganizar nos próximos seis meses, adotando as medidas necessárias para reestruturar com responsabilidade sua economia.

"O acordo com o Clube de Paris não pode agora servir para o governo deixar os juros reais ficarem negativos, e assim continuar queimando a poupança interna e também suas reservas internacionais", disse.

Guedes comparou a decisão do Clube de Paris, em relação à dívida brasileira, à atitude de uma loja de departamentos que não teve outra alternativa senão acertar um esquema especial de pagamento com um cliente, devedor, que tivesse perdido o emprego.

"O que passou, passou, não há mais como recuperar, então vamos acertar a situação daqui para a frente", disse, lembrando a atitude do gerente daquela loja do exemplo.